



XII CONAGES
XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A (TRANS) FIGURAÇÃO DE JÚLIA: UMA ANÁLISE DE COMO ESQUECER – ANOTAÇÕES QUASE INGLESAS

Keila de Sousa Freire; Cilene Pereira Maximiano

Universidade Estadual da Paraíba (keila-de@hotmail.com)

Universidade Estadual da Paraíba (cilenemaximiano@hotmail.com)

RESUMO: Tendo a Literatura como objeto de transfiguração, o trabalho aqui desenvolvido realizou uma (breve) análise de uma das principais obras de Myriam Campello (Como Esquecer – anotações quase inglesas) que relata a história de Júlia (professora de Literatura Inglesa) depois do término do seu relacionamento de dez anos com Antônia. O livro, dessa forma, esmiúça com maestria os sofrimentos, dores e (re) caídas de uma pessoa que luta para aprender a Como Esquecer.

Palavras chave: Literatura, análise, homoerotismo.



INTRODUÇÃO

Literatura: expressão e arte. Expressão através de formas, letras e sons e arte pelo encantamento final de sua obra. Essa forma artística de expressão sempre esteve presente em nossa sociedade: Os folhetins que traziam os romances divididos semanalmente eram a diversão da população de uma época. Com o passar dos tempos a Literatura foi se desenvolvendo sempre mais e assim alcançando mais espaço e forma dentro das diferentes sociedades.

Através de e pelo contexto histórico, que é inexorável a essa arte, temos que a obra literária adentrou e nunca saiu da vivência das pessoas. Pensando assim, esse trabalho surge para ratificar essa ideia de que a Literatura é uma arte que faz parte da nossa história social com indivíduos participantes e ativos que somos.

O objetivo do trabalho, portanto, é a análise não só da obra, mas de toda a transfiguração que a literatura nos proporciona através da relação dos sujeitos no processo de identificação. Sendo nossa pesquisa de teor teórico qualitativa, usamos como fundamentação CANDIDO (2007), EAGLETON (2006) e o livro base de CAMPELLO (2010).

Talvez não exista uma questão problema que sirva apenas para esse trabalho,

provavelmente essa questão esteja fundamentada e enraizada dentro daqueles que vivem a questão central desse livro: a perda.

OBRA, ANÁLISE, SUBJETIVAÇÕES

“O início é obscuro como uma paixão”, disse Myriam Campello em uma entrevista concedida a Carlos Herculano Lopes, Estado de Minas, em 3 de Outubro de 2010, e com esta citação iniciamos a (breve) análise sobre uma de suas obras: *Como Esquecer – Anotações quase inglesas* (2010).

Myriam Campello nasceu no Rio de Janeiro, Brasil. Sendo contista, romancista e tradutora possui um livro de contos publicados e cinco romances. São eles: *Cerimônia da Noite* (seu primeiro livro que a fez receber o Prêmio Chinaglia para romance inédito em 1972), *Sortilegiu* (1981), *São Sebastião Blues* (1993), *Sons e outros frutos* (1998), *Como Esquecer* (2010) e *Jogos de Damas* (2010). Tradutora de livros de Georges Simenon, Stephen King e Virginia Woolf, entre outros. Recebeu o prêmio União Latina – Concurso Guimarães Rosa para conto inédito, em 1997.

Campello participou também de diversas antologias brasileiras, entre elas os *Cem Melhores Contos Brasileiros do século* (2000). Tem contos publicados na Polônia,



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

Alemanha, Holanda, França e Estados Unidos. *Como Esquecer*, seu quarto livro, foi adaptado para o cinema em 2010 por Malu de Martinho.

Essa autora é conhecida pela prosa exata e radicalista com que suas criaturas expressam os sentimentos. Em *Como Esquecer* e *São Sebastião Blues*, Myriam expõe através dos personagens principais boas questões referentes à liberdade de sentir e amar, boa parte do romance envereda pela superficialidade dos relacionamentos. Nesse ponto instaura-se um paradoxo: O tema sempre recorrente dos relacionamentos mal sucedidos (vividos pelos protagonistas de suas obras), porém intensos *scritu sensus* à essa superficialidade das vivências as dois. Em específico, *Como Esquecer* joga a nossos olhos uma história de dores e sofrimentos, mas que não nos esclarece o motivo em potencial que ocasionou esse ponto final. O estilo elegante e sofisticado com o qual Myriam escreve suas obras fundamenta a relação dessa com outra grande obra da Literatura Clássica de Emily Brontë: *O Morro dos Ventos Uivantes*.

Os elementos de compreensão de uma obra são múltiplos e muitas vezes obscuros. A vida do autor, suas confluências e o fator social contribuem de forma direta na produção final. Sobre isso, CANDIDO (2007, p.35). Diz:

“Quando nos colocamos ante uma obra, ou uma sucessão de obras, temos vários níveis possíveis de compreensão, segundo o ângulo em que nos situamos. Em primeiro lugar, os fatores externos, que a vinculam ao tempo e se podem resumir na designação de sociais; em segundo lugar o fator individual, isto é, o autor, o homem que a tentou e realizou, e está presente no resultado; finalmente, este resultado, o texto, contendo os elementos anteriores e outros, específicos, que os transcendem e não se deixam reduzir a eles.”

Na obra *Como Esquecer*, Myriam narra de forma fantástica sobre amores, perdas, mudanças e lembranças em personagens complexos que compartilham com o leitor a forma intensa e dramática de suas experiências. Júlia, personagem principal da trama, é uma professora que perde (por motivos não explícitos) seu grande amor: Antônio. Essas duas mulheres formam o par amoroso central que se desfaz e deixa tudo um deserto de sofrimentos. A protagonista descreve o que sente, sua forma de amor, e sofre usando, muitas vezes, um humor sarcástico. De certa forma, conformada com a dor, ela aceita a proposta de seu amigo Hugo para dividir uma casa com outra pessoa: Lisa.



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

A união dos corpos e das almas sofridas desses três personagens acontecem em uma casa a beira-mar. As diferenças de personalidade são subtraídas pela igualdade dos sentimentos desses três personagens. No seu trabalho, Júlia desperta a atenção de um dos seus alunos (Alexandre), mas é Helena, a prima de Lisa, que aparenta dar o pontapé inicial para a sobrevivência da alma da professora. Hugo também se envolve, no decorrer da narrativa, com um amigo de Alexandre e parece, enfim, retomar sua vida. Por outro lado, Júlia mesmo tendo Helena à sua escolha, reconhece que ainda não está preparada para uma nova relação e abandona a artista plástica depois de uma noite juntas. Para Terry Eagleton, nós, seres humanos, nascemos prematuramente no sentido de precisarmos sempre do outro. Sem esse cuidado não tardaríamos a morrer e é a isso que o autor chama de satisfação de nossos “instintos”.

Como Esquecer é uma trama instigante, que fala de pessoas comuns, com características complexas, enfrentando desafios de superar as dores do passado e a busca por uma nova chance de encontrar a felicidade. Essa dramaticidade de desilusões e perdas, misturadas as referências da Inglaterra por toda a narrativa (O Morro dos Ventos Uivantes) nos faz relacionar a intensidade da personagem tanto na forma de amar como de

sofrer. Através da narrativa da personagem protagonista Júlia, somos envolvidos em um emaranhado de lembranças e sofrimentos que, muitas vezes, são carregadas de um humor sarcástico:

“Quando alguém diz eu te amo para sempre, tenha certeza que você só tem uma opção: acreditar, babaca. Eu acredito em amor eterno, Papai Noel, coelhinho da Páscoa e que todo sofrimento tem fim.”

O inconsciente dessa personagem quer, de uma vez por todas, expulsar Antônia da sua vida e sobre isso nos baseamos mais uma vez em Eagleton quando ele diz: “O inconsciente é mais prejudicial, porém, na perturbação psicológica, qualquer que seja ela. Podemos ter certos desejos inconscientes que não serão negados, mas que também não ousam encontrar um escoadouro prático; nessa situação, o desejo força sua saída do inconsciente, o ego bloqueia-o defensivamente, e o resultado desse conflito interno é o que chamamos de neurose.” (EAGLETON, 2006, p.237)

“Abro os olhos de repente. Os móveis rosnam baixo do mesmo lugar de ontem, impacientes com o novo dia. A roupa da véspera senta inanimada na cadeira onde a deixei. A manhã parece igual em torno da cama. De onde vem a ausência de peso que sinto, uma leveza física que torna meus movimentos mais



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

soltos? Vasculho a lembrança à procura do sonho bom mas não acho nenhum. É muito cedo, a casa ainda dorme quando me esgueiro furtivamente para a varanda, xícara de café na mão.” (p.61)

Júlia compartilha com seus amigos o seu sofrimento. Personagens tão complexos quanto ela, que também perderam pessoas importantes. Todos são convocados a olhar para dentro de si mesmos e todos têm seus limites. A dor de Júlia, apesar da permissividade presente, também chega a seu limite: No entanto, quando enxergo pelas frestas esses banquetes da natureza, penso que a vida não pode ser apenas uma contínua infelicidade nauseante. O manancial de dor seca – até por exaustão. Toda desgraça acaba um dia – não é? (p.61)

Terry diz que a nobre estrada para o inconsciente são os sonhos. Vencer o caos, essa é a tentativa daqueles três que se uniram e agora compartilham diariamente duas dores. O complexo ato de viver reina soberano e entra em consonância como estilo inconfundível de Myriam Campello, tornando assim essa obra um livro inesquecível.

O que se fazer quando uma relação amorosa termina? Ir para outra ou afogar-se em si mesmo?

“Sim, sou obrigada a reconhecer. O amor é um objeto de cristal, uma

estrela pontuda, graciosa, que afasto do centro de minha vida para dar lugar ao nada. Esse nada, que menciono com a certeza de um líder religioso é a ausência dos cabos promontórios que me guiaram no passado e foram comidos pelas ondas. Afundo muitas vezes e vomito na água esverdeada e grossa que o corpo repele com horror. Mas nada posso fazer. A caixa preta onde se originaram meus mitos está fincada no solo do naufrágio. Um padrão afetivo morreu.” (p.127)

O objetivo final da vida é a morte, diz Eagleton, um retorno àquele bem – aventureado estado inanimado, em que o ego não pode ser atingido.” (2006, p. 241)

A personagem protagonista apresenta nessa obra três fases espetacularmente descritas pela autora: A perda, assimilação e o ensaio para a mudança. De acordo com isso, temos uma personagem esférica devido a profundidade com que é analisada e descrita na obra. A primeira fase está no choque de realidade da solidão, quando Júlia percebe que foi abandonada por sua companheira de 10 anos. A falta de atitude diante da situação reside no primeiro estágio pós – perda:

“Troco a noite pelo dia. Meu tempo é anárquico, fragmentado – um não – tempo na verdade. As três da manhã posso estar trabalhando e às duas da tarde, tremendo sob os



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

cobertores, com a chuva a fustigar uma velha persiana de madeira. Não durmo mais que três horas. Quando finalmente apago por exaustão, uma ruptura interna estilhaça meu sono logo a seguir. Talvez um pesadelo, que tem a decência de não se explicitar. O café da manhã é tomado num silêncio de emparedado. Os vizinhos dormem, inconscientes de que a vida já começou para os que têm uma tragédia nas mãos. Invejo essa ausência de crise aguda nas pessoas em torno. Só eu estarei vivendo tempos interessantes?” (p.8)

Afirma Eagleton que o inconsciente é um movimento e uma atividade de intensos e constantes significantes, cujos significados nos são muitas vezes incessíveis. A falta, ou digamos, ausência de ter o que fazer ou como fazer é vivida intensamente na longevidade de cada dia existencial. Existir por existir e estar vivo porque respiramos descreve bem a situação dessa personagem no primeiro momento do livro.

As descrições carregadas de sentimentos negativos com relação ao presente evoluem em sentido linear quando o presente deixa de ser o único tempo a vista para dar lugar e esperança ao futuro que apesar de ser incerto é o único. O estágio da incorporação da dor e do acostumamento à sua presença constitui o segundo momento da vida de Júlia.

“Gente é folha seca varrida com o resto dos detritos. Mas sou alguma coisa, tenho certeza. Minha construção foi penosa.” (p.83)

O segundo estágio, então, é saber que uma dor latejante e aguda aflora seu peito gritante, mas é saber também que essa dor faz parte desse peito. E aí outro questionamento surge: “Vou sair dessa, não vou? Não vou?”

Na vida consciente, afirma Eagleton, conseguimos ter alguma noção de nós mesmos como entidades razoavelmente unificadas, coerentes, mas isso não é mais que a ponta do iceberg do sujeito humano. Para Júlia, a dor é o único sentimento que importa, é incomparável, é maior que ela própria. No entanto, sua vida cotidiana, mesmo sem sua vontade (corroída pela autocomiseração) segue e aí temos o terceiro estágio: Um ensaio para a mudança (?).

“Quando alguém cai no chão é um ensaio de queda geral. Todos pressentem ali sua própria morte. Por isso correm para levantar o caído e restabelecer a normalidade. Um gesto muito mais medo que impulso generoso. Mas quando a compaixão está presente no amor isso mostra um fundo intocável.” (p.83)

Parafrazeando Antônio Cândido, nada mais importante para chamar a atenção sobre uma verdade do que exagerá-la. Júlia retoma sua vida profissional e tenta retornar também



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

a sua existência. É nessa fase que surge Helena (personagem secundária) e, desde o primeiro contato bagunça a rotina centrada e até egoísta da professora. O terceiro estágio da protagonista constitui-se basicamente na tentativa de se reerguer emocionalmente e Helena é eleita a mulher para cumprir essa missão. O sentimento confuso de Júlia com relação à prima de Lisa nos faz perceber que essa fase não terá seu momento completo, como ocorreu nas anteriores. Helena provoca sentimentos paradoxos em Júlia e essa novidade confunde a professora que até então sabia de tudo o que fazia. O envolvimento acontece, porém, a dúvida e a ausência de condições por parte da protagonista faz com que ela abandone Helena por ainda não se sentir preparada. Dúvida, sentimento de quem está em uma montanha sem conseguir enxergar o outro lado.

“O vento me chicoteia o rosto com os testos invisíveis da natureza. A barriga do jardim é um fole que expande nos quatro ventos sua produção vegetal. Aqui nessa paisagem ávida, tão verde, um fantasma começa a tomar corpo, a se distender, unindo linhas dispersas e traçando o desenho de si mesmo com mão aquática. Ela oscila, cabriola loucamente sem pudor, persegue a própria cauda numa brincadeira absurda. Os minutos tilintam um a um, moedas somando-se a outras

moedas. Não, não é uma brincadeira. A decisão se firma, ganha uma nitidez perfeita, se rodeios. Está pronta e aguarda que eu a tome.” (p.128)

O primeiro contato de Helena na narrativa acontece com Júlia. Aquela apresenta-se, inicialmente, como funcionária pública, porém depois revela sua verdadeira profissão, a de artista plástica. A prima de Lisa é uma mulher viajante, que mora no exterior e veio ao Brasil para uma visita. Esta personagem também passou por um sofrimento recente, sua irmã foi visitar um apartamento vazio, onde pretendia alugar, e se atirou enquanto Helena estacionava o carro. Esse fato mudou a vida de Helena e a fez sofrer também a dor de uma perda.

A artista plástica também possui estimados dotes culinários e em um almoço preparado na casa onde Júlia morava conhece o Alexandre Mário (aluno da protagonista). Depois desse encontro eles saíram juntos e se envolveram sexualmente. O ocasional e inesperado envolvimento acarreta paixão de Alexandre pela personagem. O fato ocorrido não possui espaço nem na narrativa e muito menos na vida de Helena que só se interessa por Júlia. A personagem é descrita até certo ponto superficialmente, seus sentimentos e emoções não são descritos com a mesma riqueza de detalhes que possuem os outros que compõem a narrativa.



De acordo com Eagleton (2006, p.272), grande parte da teoria literária que focalizamos também tende a ver a obra literária como uma “expressão” ou “reflexão” da realidade; ela ordena a experiência humana, ou materializa uma intenção do autor, ou ainda reproduz as estruturas da mente humana em suas próprias estruturas.

A união dessas duas almas na obra configura o lado menos sombrio. A altivez de Helena une-se à melancolia de Júlia dando a solidão uma companhia real, por mais que ela ainda esteja presente intrinsecamente. A não aceitação dessa realidade dá a obra um tom de retorno ao segundo estágio, ou seja, a conformidade com a dor.

Teoricamente, *Como Esquecer*, é uma obra sóbria, bem constituída. Hugo, é mais um protagonista da história, e vem dele alguns momentos mais espirituosos da obra – o que funciona como um contraponto diante da aflição de Júlia. Apesar de ter momentos de extrema tristeza (devido a morte de seu companheiro), Hugo apresenta um forte espírito de ajuda para com sua amiga e de vontade de dar a volta por cima da situação. Ele, no decorrer da trama, envolve-se com um amigo (chamado de Nani) do aluno Mauro.

No meio desse envolvimento acontece um fato inesperado e que deixa todos apreensivos: A suspeita de AIDS não confirmada através de um exame. Hugo,

então, aparece ao lado de Júlia, em contraposição a ela graças a sua postura erguida para enfrentar a vida. A sombra do enredo marcado de dores e perdas é um pouco abrandada com a presença desse personagem. A ideia da mudança para uma casa nova parte do amigo de Júlia e a história então termina com Nani, ele e Júlia vivendo juntos na casa escolhida.

“Nosso grito é um só, o abraço nos torna uma criatura única. Acordada, a casa dá cambalhotas de alegria conosco. Ficamos ali amontoados, um monstro de três cabeças que só pensa em festejar, celebrar, comer, beber as velhas e boas funções humanas. É o que faremos à noite.” (p.112)

Dialogando com Eagleton, ele diz que uma leitura “ingênua” da Literatura poderia ficar aquém do produto textual em si, como ouvir um relato de um sonho sem se preocupar profundamente em examiná-lo. A caracterização do tempo psicológico desses personagens é estritamente importante e imprescindível para a composição artística dessa obra.

Lisa, a prima de Helena, compõe essa narrativa de forma acessória, porém não dispensável. Mais amiga de Hugo que de Júlia, ela é convidada para dividir a casa com os dois e aceita por outro motivo que também revela sofrimento: O namorado a abandona



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

depois de saber que ela está grávida. Lisa, então, perde o chão e se junta aos outros para dividir o ambiente. Após a dúvida, ela então decide e faz o aborto:

“Sem música, sentadas no banco lá fora, conversamos longamente sobre o que acaba de ocorrer. Em estado de choque, ela não entende como a felicidade pôde se transformar do dia para a noite na anaconda monstruosa que a vai engolindo. Há um espanto muito grande diante da perda, da mutilação inexplicável. A perna estava ali. Agora só existe a ausência e dor.” (p.56)

Outros personagens secundários que ocupam pouco espaço na narrativa, mas que não devem ser excluídos, são Alexandre Mauro, Honório e Nani. O primeiro, como já vimos, é aluno “seguidor” de Júlia que tem um rápido envolvimento com Helena. Honório é o tio de Mauro que também tem uma paixão relampejosa pela professora. Enquanto Nani é o rapaz amigo de Alexandre que conhece Hugo em um piquenique à beira mar onde se apaixonam. Todos esses são citados na obra de forma superficial, não aprofundando aspectos psicológicos (personagens planos).

O espaço na obra *Como Esquecer* se conjectura de forma determinante na constituição da intenção pretendida pela autora. No início da narrativa, quando Júlia ainda está no apartamento onde vivia com

Antônia, isso nos remete a sensação de esconderijo. Ou seja, o espaço fechado esconde nas entrelinhas um mistério de como era e por qual motivo aquela relação chegou ao fim. O próximo espaço da obra (a casa onde moram Júlia, Hugo e Lisa) era um lugar à beira-mar que na frente possuía portão, lixo espalhado e paredes sujas:

“A casa tinha boa estrutura óssea de pessoa que foi bonita um dia. Fora isso era um cachorro chutado pelo dono. Quase nada do esplendor campestre habitando minha memória e baseado num vislumbre persistia ali. A cor lavada pelo tempo e o telhado sombrio mostravam uma face nova, melancólica. Vaguei pelo interior do lugar alarmada com as janelas rangentes, os quartos de pintura despelando. A torneira do banho martelava uma pela de ferrugem desde o ceco de Troia, a se julgar pela mancha escura na pia. Entrei e saí da cozinha como um raio, repelida pelo fogão velho. Quem morava ali antes nós, o rei dos Hunos? Ou um bando de fantasmas num eterna nave?” (p.24)

Sobre a configuração desse espaço nas narrativas em geral, citamos Cândido (2008, p.28): Qual a influência exercida pelo meio social sobre a obra de arte? Digamos que ela deve ser imediatamente completada por outra: qual a influência exercida pela obra de arte sobre o meio? Assim poderemos chegar mais



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

perto da interpretação dialética, superando o caráter mecanicista das que geralmente predominam.

As conjecturações descritas desse espaço nos fazem tirar inúmeras conclusões sobre essa obra. O espaço enferrujado nos lembra de algo que um dia foi novo e belo, mas que por falta de conservação adequada estragou-se. Seria esse o motivo através do qual Antônia e Helena se separaram? “Na terra esturricada do canteiro não há sinal de vida. Em compensação, uma variedade de lixo doméstico se acotovela ali: pontas de cigarro, papel velho, uma lata de Coca – Cola vazia, uma moedinha de alumínio de anos atrás, cocô de gato, um jornal amarelado pelo tempo”. A visão do sujo e espalhado pelo quintal dessa casa nos faz ligar diretamente à bagunça e falta de nitidez dos sentimentos daqueles que ali iriam habitar. A desorganização das dores e ilusões estavam ali retratadas através do lixo e a falta de disposição para limpá-lo nos remetia a um estado de conformidade com a bagunça instaurada na alma de cada um deles. A figura da Terra infrutífera nos incida o coração daqueles que estavam assoberbados de dor e que não conseguiam, a priori, proliferar, ou seja, frutificar, amar outra vez. A infertilidade e o lixo fazem parte da nova casa, assim como o sofrimento faz parte da vida de Júlia, Hugo e Lisa.

Como nos afirma Candido em sua obra, “a arte é um sistema simbólico de comunicação inter – humana”. A comunicação interna da obra com nossa contribuição constitui o espaço de uma análise conjectural bem formulada. Sabemos, entretanto que, não é apenas isso que conflui, porém sem isso não é possível.

Os sentimentos, digressões, perdas, lembranças, constituem basicamente a narrativa do *Como Esquecer*. Sendo assim, o foco narrativo dessa obra aparece em primeira pessoa (narrador – personagem) onde a narradora é a própria Júlia, protagonista da História. Nada dentro de uma obra Literária dar-se por acaso e a escolha desse foco narrativo liga-se a tentativa de passar da forma mais real possível a descrição desses sentimentos. Realidade e propriedade podem ser as características buscadas pela autora.

“Meu desejo jamais se verá frente a tamanha luz, mas querê-la empresta um reflexo a essa desconsolada e absurda savana. Favos de mel roubados aos deuses. Do passado remoto ao presente exangue a ânfora intemporal. Em algum lugar ela é perfeita.” (p.96)

Descrições, comparações, sinestésias, metáforas e hipérboles são algumas das figuras de linguagem utilizadas por Myriam Campello nessa obra. Todo o livro é



composto de um gume intenso de sensações que se passavam através de palavras. Através dessa riqueza de recursos, o livro é uma obra prima de sensações estatificadas em papel. Em *Como Esquecer*, nossa obra de análise, essa particularidade consiste na demonstração do tema da Homossexualidade nos personagens principais. Esse tema, ainda mascarado na sociedade vigente, aparece aliado a outro que já é de mais certame: O abandono, a solidão. A forma particular e forte do estilo da autora de escrever através da troca mútua de sensações fortifica, solidifica a narrativa.

Campello compõe a obra formando— a de períodos longos de descrições, metáforas e comparações, principalmente. Essa escolha faz-nos ler nas entrelinhas a existência de longos momentos de frustrações e dúvidas. A ironia dá uma pitada de sarcasmo que está presente no ser que se acostuma com a dor que sente. A obra, como um todo, é constituída de uma complexidade singular que une sofrimento e afundamento de si mesmo a incomparável e inestimável oportunidade de nascer mesmo que isso venha a ser involuntariedade de quem sente.

A ousadia de analisar uma obra como essa consubstancia com as palavras de Eagleton quando ele “nos afirma que a crítica literária torna-se algo irônico e constrangido, uma aventura incerta no vazio interior do

texto que deixa claro o que há de ilusório no significado, a impossibilidade da verdade e os disfarces enganosos de todo o discurso.” (p.219)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma relação, um fim e a tentativa de um novo começo. As fases da vida de Júlia (personagem protagonista da obra), Hugo e Lisa são descritas em *Como Esquecer*. O sofrimento recria-se e dá origem a um preâmbulo de recomeço para a vida dos três. Além da obra analisada, esse trabalho descreve a mulher e suas relações amorosas e afetuosas não só apresentando-as, apenas, mas e, principalmente, com o intento da compreensão. Amor aliado à dor, juntos, distintos, contribuindo para a formulação dessa obra e desse trabalho.

Como Esquecer, assim está escrito o título e a temática dessa obra. Será que é necessário ou possível esquecer? O não se conformar, a primeira vista, é a única resposta em potencial. Sabe esquecer? As lembranças atordoam, ferem, massacram, mas são inexoráveis. Esse processo sofrível é esrachado junto com o coração de quem passa. A obra literária inicia-se através dessa indagação e é concluída deixando-nos com um certame de dúvida exacerbada: O futuro ou o presente sombroso do passado? As



XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

dúvidas e incertezas marcam, deixam resquícios na nossa vida enigmática e tortuosa. A análise da obra atravessa esses limites, adentra ao nosso ser, pessoa e puxa de nós a essência necessária para entender as emoções ali contidas.

Tomando por base tudo o que aqui foi apresentado, o final da obra é um retrato fiel de toda nossa vivência: (re) começo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CANDIDO, Antônio. *Introdução à Literatura brasileira*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2007. 126 p.

CAMPELLO, Myriam. *Como Esquecer – anotações quase inglesas*. 2. ed. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010. 132 p.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: Uma introdução*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 387 p.

